

Comércio Externo do Brasil: o papel da América Latina e Caribe

Brazil's Foreign Trade: the role of Latin America and the Caribbean

ALEXIS TORÍBIO DANTASⁱ

Resumo: A orientação da política externa do Brasil para consolidar a cooperação e integração entre os países sul-americanos é cada vez mais evidente no momento atual. Nesse sentido, o Brasil apresenta um objetivo claro de exercer um papel de liderança na região, a fim de aprofundar as relações comerciais e estabelecer uma maior integração em seus projetos de desenvolvimento. Neste trabalho são apontadas as principais características do comércio entre o Brasil e América Latina e Caribe, enfatizando seu papel como um destino chave dos produtos manufaturados brasileiros.

Palavras-chaves: América Latina, Brasil, Política Externa, Comércio.

Abstract: It is clear nowadays that Brazil's foreign policy is oriented to consolidate the cooperation and integration within South American countries. In this sense, Brazil is aiming to exert a leadership role in the region in order to deepen trade relations and to establish greater integration on their development projects. In this paper we point out the main characteristics of the trade between Brazil and Latin America and Caribbean, emphasizing its role as a destination of the Brazilian manufactured goods.

Keywords: Latin America, Brazil, Foreign Policy, Trade.

1. Introdução

A América Latina e o Caribe são, explicitamente, alvos da política externa brasileira, sobretudo como extensão dos laços criados e solidificados a partir do Mercosul; nesse contexto, a inserção de Cuba ocupa também uma posição a se destacar. Dessa forma, não só declarações oficiais da chancelaria brasileira, mas a própria verificação dos números que marcam a evolução comercial brasileira recente, reforçam a avaliação da região como uma das metas prioritárias nas relações externas do Brasil.

O objetivo deste artigo é, então, analisar a evolução comercial recente do Brasil de modo a identificar os principais traços que distinguem a região no âmbito das transações comerciais brasileiras. Assim, a próxima seção se ocupa de examinar os pontos de destaque e distinção da relação comercial do Brasil com a América Latina e Caribe no conjunto global das exportações e importações do país. Em seguida, na terceira seção, são tecidos comentários finais acerca dos principais pontos tratados ao longo do texto.

ⁱ Doutor pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
Endereço para correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524, 8º andar, bloco B, Sala 8.019, Maracanã, RJ, CEP: 20550-013. E-mail: alexis.dantas@gmail.com

Recebido em 05 de novembro de 2013
Received on November 5, 2013

Aceito em 26 de novembro de 2013
Accepted on November 26, 2013

DOI 10.12957/rmi.2013.8367

1. Evolução comercial brasileira recente: a importância de América Latina e Caribe

A economia brasileira apresenta superávit comercial recorrente desde o fim do regime de âncora cambial que marcou a implementação do Plano Real em julho de 1994. Dessa forma, após a inversão do balanço comercial entre 1995 e 2000, fruto das medidas assumidas para a implantação da política de bandas cambiais com forte valorização inicial da nova moeda - o real, a crise externa de janeiro de 1999 e o consequente fim do sistema de âncora permitiram a melhora da situação do câmbio no Brasil, com o início de uma retomada na geração de superávits.

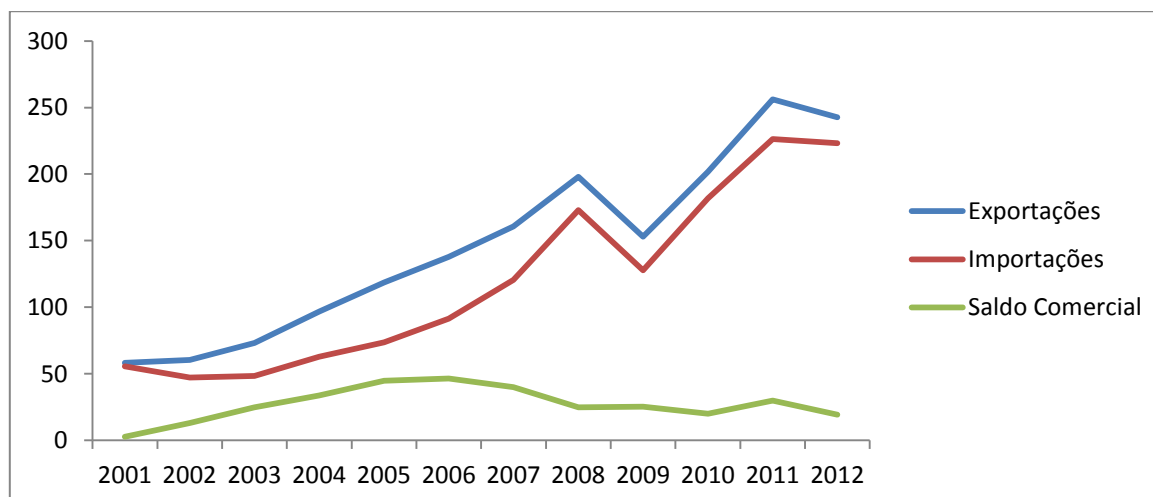
Como mostram a tabela 1 e o gráfico 1, essa trajetória é, em grande parte, decorrente da rápida elevação das vendas externas, o que garantia um superávit crescente mesmo com o importante aumento simultâneo do volume de importações. Vale dizer, então, que o superávit comercial foi possível ainda que o ambiente fosse caracterizado pela retomada do crescimento econômico em níveis mais elevados que nos anos anteriores até o terceiro quartil da primeira década do século XXI.

Tabela 1 – Exportações, importações e saldo comercial – Brasil – 2011/2012 (USD bilhões correntes)

Anos	Exportações	2001=100	Importações	2001=100	Saldo Comercial
2001	58,29	100,00	55,60	100,00	2,68
2002	60,44	103,69	47,24	84,97	13,20
2003	73,20	125,59	48,33	86,91	24,88
2004	96,68	165,87	62,84	113,01	33,84
2005	118,53	203,36	73,60	132,37	44,93
2006	137,81	236,43	91,35	164,29	46,46
2007	160,65	275,62	120,62	216,93	40,03
2008	197,94	339,60	172,98	311,11	24,96
2009	152,99	262,49	127,72	229,71	25,27
2010	201,92	346,42	181,77	326,91	20,15
2011	256,04	439,28	226,25	406,90	29,79
2012	242,58	416,18	223,15	401,33	19,43

Fonte: MDIC/Brasil

Gráfico 1 – Exportações, importações e saldo comercial – Brasil – 2011/2012 (USD bilhões correntes)



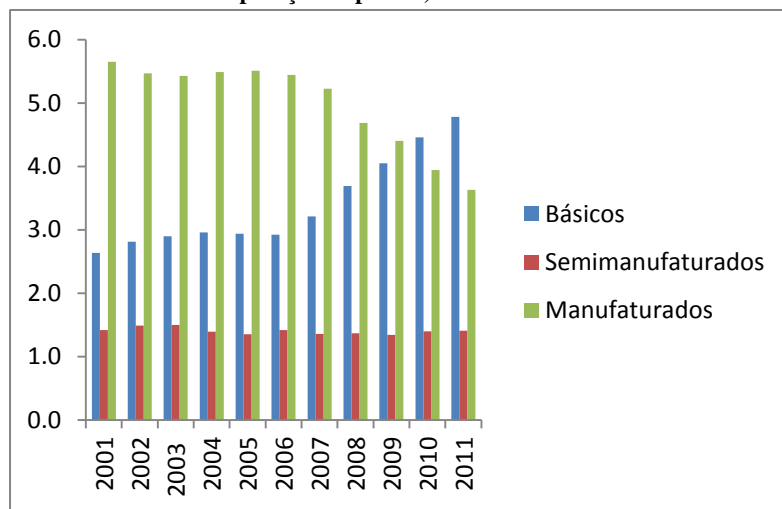
Fonte: MDIC/Brasil

Em 2011, tanto as exportações quanto as importações já estavam mais de quatro vezes superiores aos volumes registrados em 2001, com pequena vantagem para o desempenho das exportações (4,39 vezes maior contra um volume 4,01 vezes maior das importações no mesmo período) – ver tabela 1. Deve-se observar, todavia, que o panorama começa a apresentar uma alteração relativa a partir de 2007. Nesse ano, a taxa de crescimento das exportações foi significativamente inferior ao registrado pelas importações (praticamente a metade – 16,6% de crescimento das vendas externas contra 32,0% de incremento das compras internacionais). Essa situação já evidenciava o efeito do início da crise financeira internacional, sobretudo dos países desenvolvidos, detonada inicialmente nos Estados Unidos, sobre o nível de atividade econômica mundial – em um momento em que a economia brasileira mantinha seu ritmo de crescimento em marcha, pelo menos até 2009, o que sustentava a demanda por importações.

Além disso, o início do último quartil da década marcou uma mudança fundamental na composição das exportações brasileiras: a queda absoluta e relativa das vendas externas de produtos manufaturados. Parte dessa alteração foi devido à fase cíclica favorável dos preços internacionais de *commodities* importantes na pauta de exportações do Brasil, o que ocorreu ao longo de toda a década. Ao mesmo tempo, a exportação de produtos industrializados sofreu dupla turbulência, sobretudo a partir de 2006/7 – ver gráfico 2.

Primeiro, como já apontado anteriormente, a queda do nível de atividade que sucedeu a grave crise financeira nos Estados Unidos e, posteriormente, nas grandes potências econômicas da União Europeia, ocasionou relevante retração na demanda por importações (a manutenção da demanda chinesa explica, em boa medida, o comportamento inverso das exportações de produtos básicos). Ademais, por outro lado, a conjugação de taxas juros elevadas no Brasil (também pelo cenário de crise externa, mas não só por isso), com uma contínua valorização da moeda nacional, da mesma forma que estimulou o aumento das importações, determinou a queda substancial de competitividade da produção industrial brasileira¹.

Gráfico 2 – Brasil – Exportações por fator agregado (exclusive operações especiais) – 2001/2011



Fonte: MDIC/Brasil

Essa mudança no comportamento e na estrutura das exportações brasileiras determinou, da mesma forma, uma alteração importante na composição relativa dos destinos das vendas externas brasileiras – tabela 2.

Como é possível perceber, destinos tradicionais das vendas brasileiras, como os Estados Unidos e a União Europeia, viram suas parcelas relativas declinarem substancialmente ao longo da primeira década deste século, sobretudo ao que se refere à participação estadunidense, que cai de quase um quarto do total do destino final dos produtos brasileiros comercializados no exterior, para aproximadamente 10% em 2011. No caso da União Europeia, a queda é de 26,6% para 20,1% na mesma comparação. As importações também seguem a mesma tendência, observando contínuo declínio da participação relativa de Estados Unidos e União Europeia no montante das compras do Brasil no exterior – ver tabela 2.

Por outro lado, a China apresenta um desempenho exatamente oposto nesse aspecto. Entre 2001 e 2012, esse país vê sua parcela nas exportações brasileiras aumentar de 3,3% para 17%, ultrapassando, já em 2010, os Estados Unidos no *ranking* de parceiros comerciais brasileiros e se aproximando firmemente da União Europeia. Outro grupo de países que mantém importante parcela das transações externas do Brasil é

especialmente por conta do aumento do coeficiente de penetração das importações e a lenta capacidade de resposta da indústria doméstica. Apesar de ainda longe de ser definida como uma tendência efetiva, o potencial efeito de desindustrialização está presente em boa parte das discussões atuais sobre o comportamento da economia brasileira.

¹ Neste contexto, reinicia-se no país o debate acerca do possível processo de desindustrialização, que poderia resultar da combinação em longo período de juros altos e câmbio valorizado,

a América Latina e Caribe – a participação relativa das exportações situa-se entre aproximadamente 20% e 25% ao longo da década, enquanto as importações se mantêm no entorno de 17% no período – ver tabela 2.

É importante ressaltar, entretanto, que o comportamento das relações comerciais entre Brasil, China e América Latina e Caribe é resultado de situações fundamentalmente distintas.

Tabela 2 – Participação relativa – Exportações, importações, saldo comercial e corrente de comércio do Brasil – países e blocos de países selecionados – 2001/2012.

Anos	China				Estados Unidos				União Europeia				América Latina e Caribe			
	X	M	Saldo	Corrente	X	M	Saldo	Corrente	X	M	Saldo	Corrente	X	M	Saldo	Corrente
2001	3,3%	2,4%	21,4%	2,8%	24,4%	23,2%	48,5%	23,8%	26,6%	27,8%	1,6%	27,2%	23,2%	18,3%	126,1%	20,8%
2002	4,2%	3,3%	7,3%	3,8%	25,4%	21,8%	38,6%	23,8%	25,8%	28,6%	16,0%	27,0%	19,1%	17,7%	23,8%	18,5%
2003	6,2%	4,4%	9,6%	5,5%	22,9%	19,8%	28,8%	21,6%	25,7%	27,0%	23,2%	26,2%	20,3%	17,4%	26,0%	19,2%
2004	5,6%	5,9%	5,1%	5,7%	20,8%	18,1%	25,8%	19,7%	25,5%	25,4%	25,7%	25,5%	23,6%	16,5%	36,8%	20,8%
2005	5,8%	7,3%	3,3%	6,3%	19,0%	17,2%	22,0%	18,3%	22,8%	24,8%	19,6%	23,6%	25,5%	16,3%	40,6%	22,0%
2006	6,1%	8,7%	0,9%	7,2%	17,8%	16,0%	21,2%	17,1%	22,5%	22,1%	23,3%	22,4%	26,5%	18,4%	42,3%	23,3%
2007	6,7%	10,5%	-4,7%	8,3%	15,6%	15,5%	15,8%	15,6%	25,2%	22,2%	34,2%	23,9%	26,0%	17,7%	51,0%	22,5%
2008	8,3%	11,6%	-14,1%	9,9%	13,9%	14,8%	7,2%	14,3%	23,4%	20,9%	40,9%	22,3%	25,9%	16,4%	91,1%	21,5%
2009	13,7%	12,5%	20,2%	13,2%	10,2%	15,7%	-17,5%	12,7%	22,2%	22,9%	19,0%	22,5%	23,3%	17,8%	51,1%	20,8%
2010	15,2%	14,1%	25,8%	14,7%	9,6%	14,9%	-38,4%	12,1%	21,4%	21,5%	19,9%	21,4%	23,8%	17,0%	84,8%	20,6%
2011	17,3%	14,5%	38,7%	16,0%	10,1%	15,0%	-27,4%	12,4%	20,7%	20,5%	21,9%	20,6%	22,3%	16,7%	65,0%	19,7%
2012	17,0%	15,3%	35,9%	16,2%	11,0%	14,5%	-29,1%	12,7%	20,1%	21,4%	6,2%	20,7%	20,8%	17,3%	60,4%	19,1%

Fonte: MDIC/Brasil

No caso da China, apesar do avanço incontestável das operações de exportação e importação do Brasil com o país, o saldo comercial, apesar de positivo, é relativamente baixo se comparado com o desempenho global das transações externas brasileiras, apresentando uma pequena inflexão positiva no final da década passada, exatamente quando o nível de atividade econômica no Brasil entra em período de declínio nas taxas de crescimento, principalmente no que diz respeito à indústria – ver gráfico 3.

Além disso, o que puxa claramente os números de exportação do Brasil em direção à China são as vendas de produtos básicos, caracterizados pelo baixo conteúdo tecnológico com cada vez mais participação relativa, isso tem se mantido como tendência – ver gráfico 4. Apesar da pequena queda em 2012, a participação relativa dos produtos básicos no total das exportações do Brasil para a China salta de 60,7% para 85% entre 2001 e 2011 (82,8% em 2012). Enquanto isso, a venda de produtos manufaturados do Brasil para a China declina de 24,4% para 4,6% entre 2001 e 2011 (5,8% em 2012).

A relação brasileira com América Latina e Caribe tem uma outra composição econômica e política. É fruto de uma diretriz de política externa brasileira e com características de relações comerciais absolutamente diferenciadas. As declarações oficiais abaixo corroboram essas questões (Brasil 2008, p. 19,20, 24, 83, 84):

When President Luiz Inácio Lula da Silva took office, Brazil changed the tone of its foreign policy; a policy that is concerned with the country's sovereign insertion, at once universal and humanistic, firmly anchored in the interests of the Brazilian Nation and in the integration of South America² [...] The South-South relationship is not only possible; it is also necessary. The South is not an amorphous complex of underdeveloped and dependent countries that have nothing to offer other than raw materials to wealthy countries. (...) Together we can become stronger, not only through the growth of our trade, but also by participating more actively in economic and political forums, such as the World Trade Organization and the United Nations, where questions of great interest to humanity are discussed. (...) Now, a

² “Speech by Minister Celso Amorim at “The Actuality of San Tiago Dantas” Seminar - Rio de Janeiro, September 27, 2004. In: Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. - Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation, 2008”.

more intense, more creative and a stronger relationship between countries of the South, does not mean that we will abandon our relations with developed countries, which are also important to all of us. Let's do what developed countries do; take advantage of all opportunities and make our union our strength³. Brazil is very similar to the Caribbean: a land of many cultures. We have the second largest population of African descendents in the world, only second to Nigeria. Like the Caribbean, we are proud to have provided a refuge for a great many European and Asian immigrants. Miscegenation and the harmonious co-existence (of our peoples) are a hallmark of our identities. (...) Brazil is prepared to move boldly forward, with flexibility and generosity to further this association. We will stimulate business and cooperation projects that go beyond our trade relations. We will encourage the circulation of goods and services and we will seek greater inter-regional agreements on all levels⁴ [...] In Davos, at the beginning of this year, I said that Brazil had made an option for South America. An option that also extends to the whole of Latin America and the Caribbean. I am convinced that our region is more and more prepared to deal with the challenges of globalization. We are conscious of the fact that the destiny of our countries is becoming more and more intertwined⁵.

Essa postura da política externa reflete, obviamente, a definição de uma zona preferencial de relações e uma opção clara de modelo de desenvolvimento. Do ponto de vista comercial, a escolha é bem caracterizada e fundada na evolução das relações comerciais e econômicas dos últimos anos. Primeiro, verifica-se uma crescente expansão tanto das exportações e das importações com os países da região (ver gráfico 5), seguindo a trajetória das relações comerciais do Brasil de uma forma geral.

Segundo, e mais relevante, ao contrário da tendência global das transações comerciais brasileiras, em que os produtos básicos crescem sobremaneira na composição

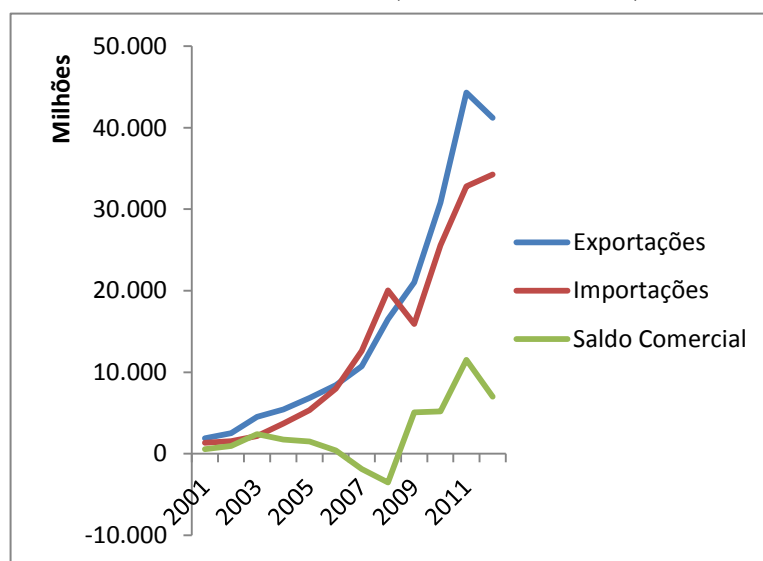
³ "Speech by President Luiz Inácio Lula da Silva at the 58th United Nations General Assembly - New York, September 23, 2003. In: Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático (2008). Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. - Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation."

⁴ "Press conference given by President Luiz Inácio Lula da Silva to media organizations in Algeria - Algiers, February 7, 2006. In: Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático (2008). Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. - Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation."

⁵ "Speech by President Luiz Inácio Lula da Silva during the closing session of the World Economic Forum on Latin America - Santiago, April 26, 2007. In: Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático (2008). Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. - Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation."

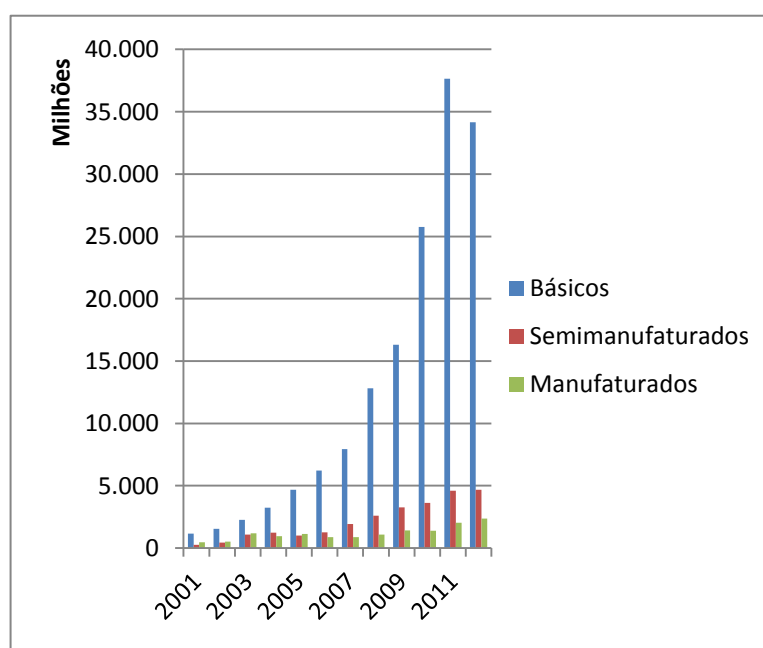
relativa das exportações totais, as vendas brasileiras para a América Latina e Caribe são cada vez mais concentradas em produtos manufaturados, característica praticamente mantida estável ao longo da primeira década do século XXI – ver gráfico 6. Desta forma, a região mantém-se como destino fundamental da produção industrial brasileira, sobretudo após 2006/7.

Gráfico 3 – Exportações, importações e saldo comercial – Brasil/China – 2011/2012 (USD milhões correntes)



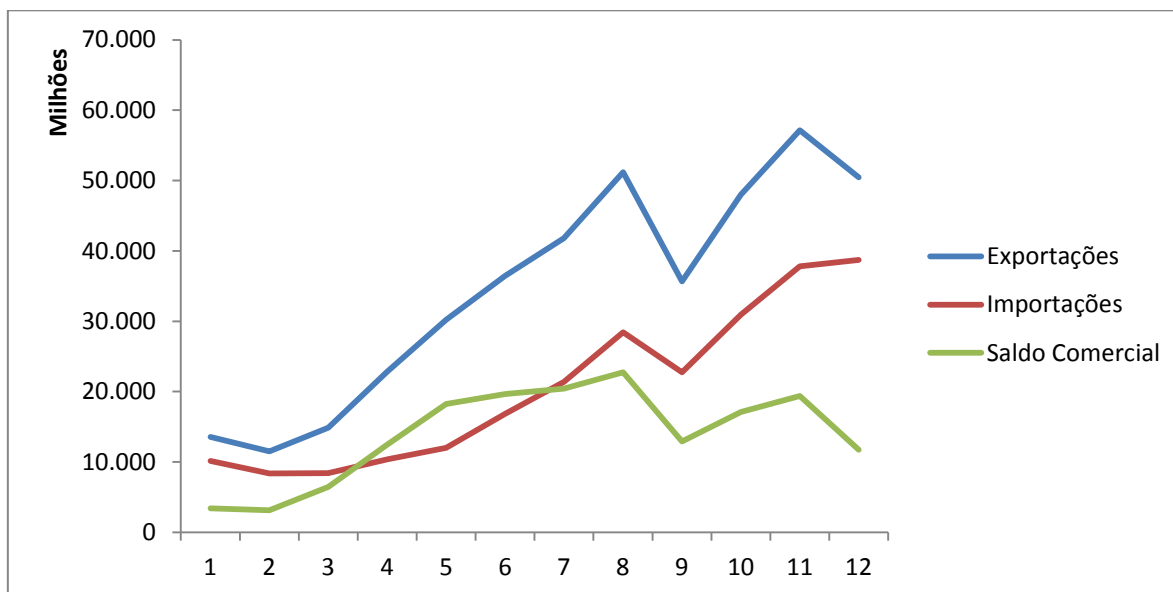
Fonte: MDIC/Brasil

Gráfico 4 – Exportações por Fator Agregado (exclusive operações especiais) – Brasil/China – 2011/2012 (USD milhões correntes)

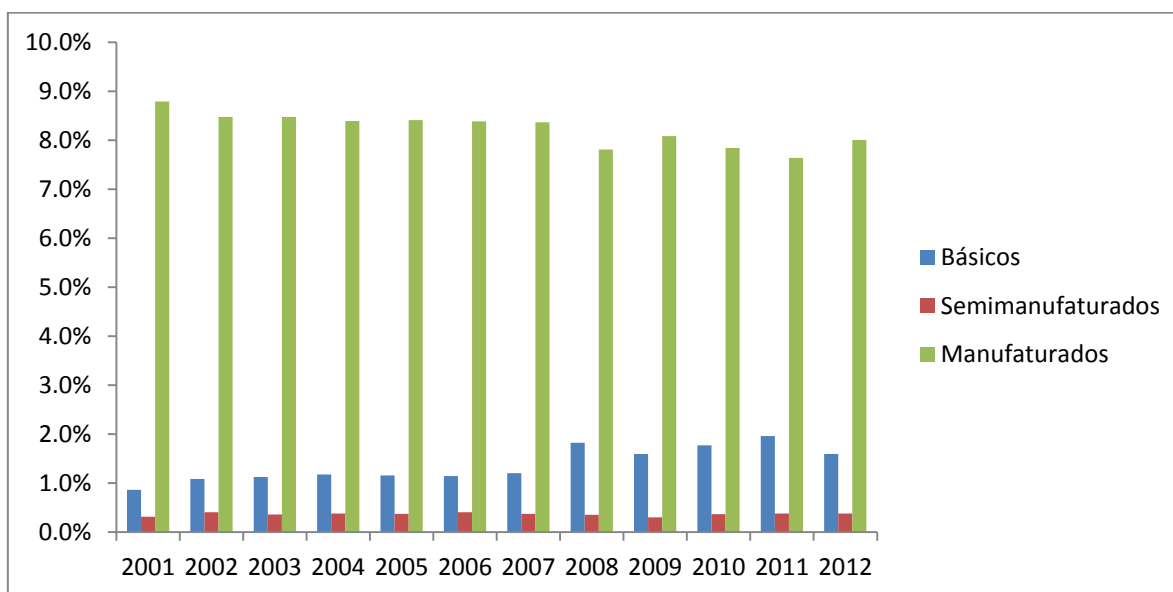


Fonte: MDIC/Brasil

Gráfico 5 – Exportações, importações e saldo comercial – Brasil/América Latina e Caribe – 2011/2012 (USD milhões correntes)



Fonte: MDIC/Brasil

Gráfico 6 – Exportações por Fator Agregado (exclusive operações especiais)
Brasil/América Latina e Caribe – 2011/2012 (USD milhões correntes)

Fonte: MDIC/Brasil

4. Comentários finais

América Latina e Caribe vêm registrando importante e crescente participação relativa nas relações comerciais brasileiras, resultado de uma explícita orientação política com visíveis reflexos na esfera econômica. Mais que isso, a região é um destino chave das exportações de bens manufaturados do Brasil, cujo crescimento contrasta com a tendência geral do

comércio brasileiro de elevar a participação relativa dos produtos básicos no volume global das exportações – caso das relações de comércio com a China.

Vale ressaltar, no entanto, que boa parte desse desempenho decorre das relações no âmbito do Mercosul, um bloco que avançou fortemente desde a sua criação em 1991 (mesmo com a recorrência de

entraves comerciais e lutas internas de segmentos produtores nos países signatários, sobretudo Brasil e Argentina). Todavia, o direcionamento pró-América Latina e Caribe como uma extensão natural do próprio Mercosul é bastante evidente nesse contexto.

Desta forma, parece acertada a priorização conferida à região pela política externa recente do Brasil, sobretudo pelas vantagens efetivas e potenciais

relacionadas à estrutura do comércio brasileiro com a América Latina e Caribe. Não se quer dizer com isso, todavia, que haja um possível abandono das relações comerciais também crescentes com o resto do mundo - características evidentes dos últimos anos, mas apenas uma busca de melhorar a qualidade relativa desse comércio externo com peso ascendente das transações com esses países mais próximos.

Referências

Amorim, C. (2005) A política externa do governo Lula: os dois primeiros anos. *Análise de conjuntura OPSA*, Rio de Janeiro, n.4, pp. 1-14, mar. 2005. Disponível em: http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/analise/5_analises_Artigo%20Celso%20Amorim.pdf Acesso em 10 set. 2013.

Brasil (2008) Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. – Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation.

Dantas, A. T.; Koval, A. (2010) 'Evolução econômica do Mercosul: relações com a Organização Mundial do Comércio (OMC)', in Lemos, M. T. T. B.; Dantas, A. T. (Org.), *América: visões e versões - identidades em confronto*, Rio de Janeiro, 1 ed., 7Letras.

Lima, M. R. S. de (2005) A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul, *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, 2005, v.48, n. 1, Jan-Jun, pp. 24-59.

Menezes, R. G. (2012) Integração, imaginação e política externa: as bases do paradigma sul-americano? *Brazilian Journal of International Relations*, Marília, v.1, n.3, p.482-497, Set/Dez. 2012, pp. 482-497.

Wallerstein, I. (2004) *O declínio do poder americano*. Rio de Janeiro: Contraponto.